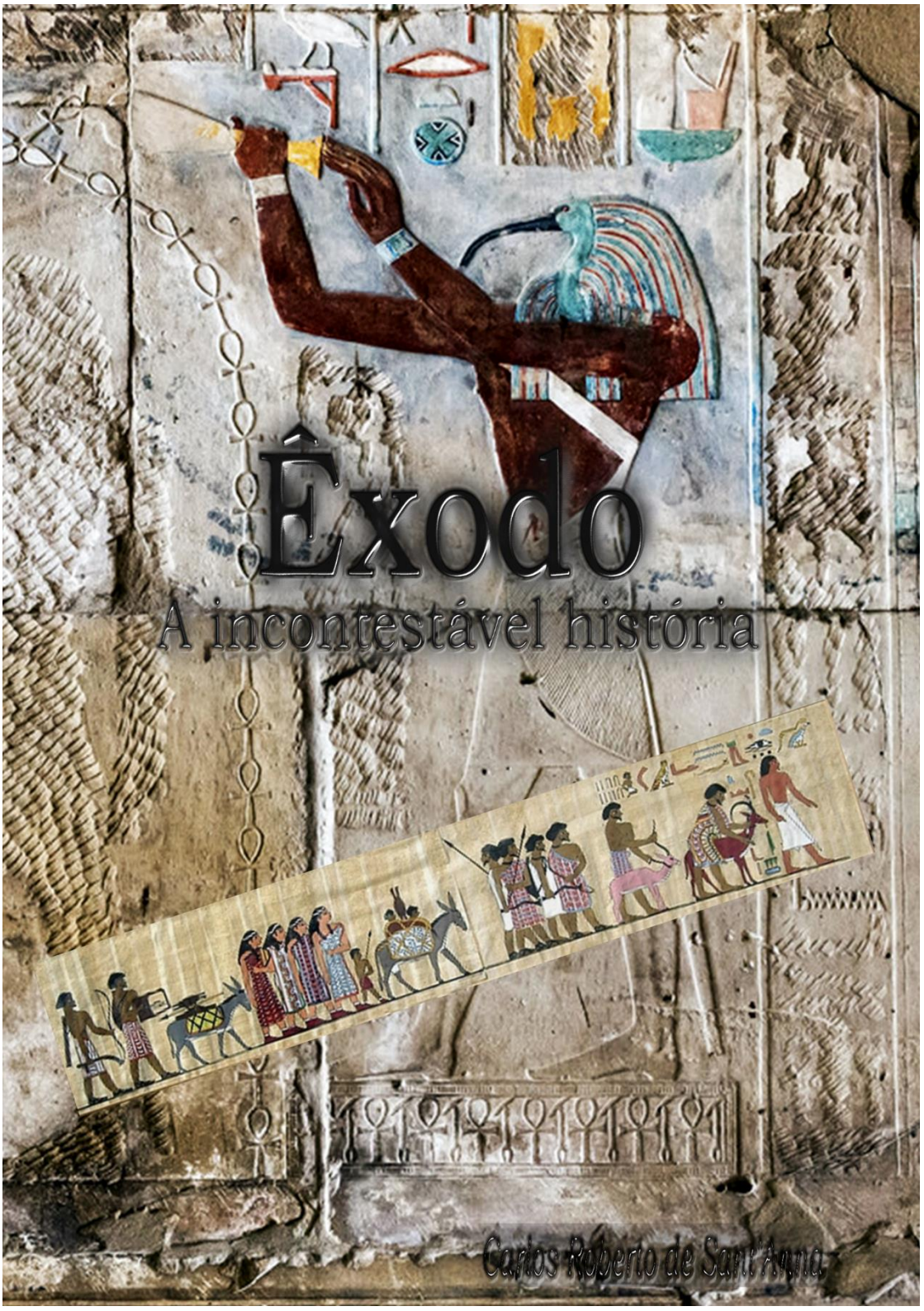


The background of the cover is a collage of ancient Egyptian art. At the top, there are fragments of wall paintings showing a hand holding a staff, a lotus flower, and a boat. A large, stylized bird with a long beak and a fan-like tail is also visible. Below these, a papyrus scroll is unrolled, showing a scene of people traveling with donkeys and carrying goods. The scroll is tilted diagonally. The overall texture is rough and aged, with visible cracks and peeling paint.

Êxodo

A incontestável história

Carlos Roberto de Sant'Anna

Êxodo - A Incontestável História

Categoria: História da Ásia; Oriente
Registro Biblioteca Nacional 2018RJ6686 em 02/05/2018

Carlos Roberto de Sant'Anna

Copyright © 2018

Registro Biblioteca Nacional 2018RJ6686 em 02/05/2018

Material revisado em 15/07/18 pelo autor

Todos os direitos relativos à obra, como reprodução, alteração, distribuição comercialização, pertencem ao seu criador e só podem ser utilizados com sua autorização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____	4
TIRANDO O VÉU DE SOBRE O ÊXODO BÍBLICO ____	7
A CHEGADA DE JACÓ E SUA FAMÍLIA NO EGITO	17
O ESTABELECIMENTO DA FAMÍLIA DE JACÓ NO EGITO _____	Erro! Indicador não definido.
O INÍCIO DA OPRESSÃO	Erro! Indicador não definido.
HARMONIZAÇÃO DOS EVENTOS CRONOLÓGICOS ATÉ MOISÉS _____	Erro! Indicador não definido.
O RETORNO DE MOISÉS AO EGITO E O ÊXODO _	Erro! Indicador não definido.
CONCLUSÃO _____	32
REFERÊNCIAS _____	34
APÊNDICE _____	44

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade bastante cética sobre determinados temas e isto, em parte, é fruto de obstáculos epistemológicos que resultam em posturas de crenças sem o devido conhecimento das evidências que podem nortear um verdadeiro senso de juízo. Quando nos referimos por exemplo ao Êxodo Bíblico, lidamos com obstáculos epistemológicos que vão desde o preconceito ao tema até uma aceitação sem a busca das evidências que permitem dar a razão uma resposta aceitável. Quanto a este tema em específico, por mais incrível que possa parecer em um mundo tão cético, existe da parte de acadêmicos estudiosos da arqueologia egípcia uma certa crença na passagem dos Hebreus no Egito e na ocorrência do Êxodo. O que os leva a esta crença? Se existe uma crença científica positiva quanto ao tema, pode-se tomar a história Bíblica do Êxodo e buscar um paralelo junto a história Egípcia de modo a concilia-las? Haverá então harmonia entre os fatos e a cronologia a eles ligados de modo tal que este método,

somado a evidências arqueológicas traga uma “sinergia” a história do Êxodo permitindo torna-lo historicamente incontestável? Neste livro, a linha de pesquisa histórica tão adotada em filmes e em grande parte da literatura colocando o Êxodo em uma data mais recente, junto a 19ª Dinastia Egípcia, no governo de Ramsés, perde todo significado frente a vasta pesquisa cedendo lugar definitivo à teoria moderna que arroja o Êxodo em um período mais tardio junto a 18ª Dinastia Egípcia. Este extenso trabalho de pesquisa, descortina fatos desde a chegada de Jacó e sua família no Egito, sua permanência, o desenvolvimento de uma nação a partir do nomen familiar de Jacó, o início da opressão, o surgimento de Moisés como o grande líder libertador dos Hebreus e o Êxodo e os harmoniza no plano histórico cronológico Egípcio trazendo um excepcional resultado e propondo dentro da moderna teoria do Êxodo mais tardio, como mãe egípcia adotiva de Moisés, não mais a rainha Hatshepsut. Este é um livro baseado em pesquisa bibliográfica junto a autores dos mais renomados, técnico, mas envolvente, o que levará sem dúvida o leitor a fazer

um novo juízo dos fatos, evidências e também declarar:
Êxodo, a Incontestável História.

TIRANDO O VÉU DE SOBRE O ÊXODO BÍBLICO

Para desvendar junto a história, arqueologia e até mesmo na geografia antiga, a verdade sobre o Êxodo Bíblico é necessário perguntar-se o porquê, apesar de evidências do Êxodo tanto em terras Egípcias quanto em Israel, imperam obstáculos epistemológicos no que tange a confirmação deste fato? Devemos ir além e averiguar, é possível por meio do método de harmonização histórico-cronológico, confirmar a história bíblica do Êxodo no contexto da história Egípcia antiga?

Hoffmeier (2015) em seu artigo acadêmico, desenvolveu brilhante trabalho para mostrar a integração entre egipitologistas e as narrativas do Êxodo. Introduz dizendo que os egiptólogos tiveram inicialmente rico interesse na história bíblica do Êxodo, sendo que Edouard Naville e Willian Mathew Flinders Petrie estavam entre os pioneiros, havendo grande interesse na geografia e rota do Êxodo, porém em meados do século XX, mais precisamente

em 1922, Sir Alan Gardiner, renomado egiptólogo de Oxford, escreveu uma crítica a Naville e outros que faziam uso dos relatos Históricos Bíblicos para achar os sites associados a história do Êxodo. Naville faz réplica a Gardiner, mas os questionamentos de Gardiner fez com que o trabalho dos pioneiros egiptólogos na busca por cidades bíblicas associadas ao êxodo fosse bastante prejudicado.

Infelizmente, a forte condenação de Gardiner aqueles a quem podemos chamar de “Egiptólogos Bíblicos”, eu creio, lançou uma mortalha por décadas sobre sérias investigações de histórias Bíblicas por Egiptólogos. (Hoffmeier, 2015, pg 200)

Hoffmeier (2015) continua dizendo que o lado positivo deste debate na década de 1920 foi que a Egiptologia foi capaz de emergir como uma disciplina própria, independente dos interesses limitados do historiador bíblico. Em certo sentido Gardiner e Peet fez pela Egiptologia o que Willian Dever fez para a arqueologia Siro-Palestina na década de 1970 e 1980, estabelecendo-a como uma disciplina em seu próprio direito, mas afirma

haver um silêncio causado pela virada de 1920-1930 quanto as pesquisas bíblicas. Ocasionalmente a partir da década de 1930 houve egiptólogos escrevendo sobre o problema da permanência Israelita e o Êxodo, Alfred Lucas, Wolfgang Helck, Manfred Gorg, Bernard Couroyer e outros. Hoffmeier (2015) em vista deste pouco interesse por parte dos egiptólogos em pesquisas com o tema do Êxodo foi levado a desenvolver uma pesquisa com estudiosos da egiptologia para entender este fenômeno e foi surpreendido ao verificar a firme crença por grande maioria dos estudiosos pesquisados, quanto a veracidade do Êxodo Bíblico.

Você acha que os primeiros israelitas viveram no Egito e que havia algum tipo de êxodo? Dezenove responderam SIM. Nenhum disse NÃO, mas quatro indicaram que possivelmente aconteceu ou que eles não tinham certeza. Apenas um que se descreveu como inseguro, tinha cerca de 30 anos antes escrito positivamente sobre o êxodo, mas tinha seguido cético nos anos seguintes. A declaração negativa mais forte é que era “improvável”. Curiosamente, essa opinião veio de Oxford, antigo reduto de Gardiner. E uma optou por não responder à pergunta.

Alguns que afirmaram a historicidade de um êxodo do Egito adicionados a comentários interessantes, como: “Eu não acho que haja qualquer dúvida sobre isso. ” ou “Eu não vejo nenhuma razão para que a permanência israelita no Egito deveria ter sido fabricado (...). ” Devo admitir ter sido surpreendido pela resposta amplamente positiva à questão da historicidade da permanência (Israelita no Egito) e do êxodo (...) (Hoffmeier, 2015, pg 200)

Hoffmeier (2015) verificou que apesar do fato da maioria dos egiptólogos crer que o Êxodo foi um evento histórico, havia a sensação de que este debate tem implicações religiosas muito pesadas. Este fator é facilmente entendido, quando analisado em Duzilek (1989)¹, os obstáculos epistemológicos à pesquisa científica, como o preconceito que impede o investigador de ver além da chamada “implicação religiosa”, o tradicionalismo imputado na virada de 1920 por Gardiner e os “Ídolos do Teatro” representados pela atual vinculação política. Qualquer trabalho arqueológico contemporâneo que venha confirmar as evidências de Israel no Egito certamente é

¹ Duzilek, 1989, pg 40,41

influenciado pelas tensões políticas ou ideológicas, sejam elas, Egípcia-Israelense, Árabe-Israelense, Marxista-Capitalista, que tendem a criar representações, fábulas ou teatros para explicar a realidade. Veja que o próprio problema da existência de Israel como nação desde a “Idade do Ferro”, o que é requerido pelos Israelenses para sua existência atual como nação frente aos problemas de questionamento territorial por parte dos Palestinos, é um exemplo, pois pode substancialmente ter a sinergia de outras evidências que provem a antiguidade do povo judeu. Outro exemplo destes obstáculos está nas tensões marxismo-capitalismo. Arlegue (2014), declara que o maior desafio do proletariado, internacional e regionalmente, é encontrar uma maneira de entender o conflito Palestino e Israelense, de maneira a elaborar a melhor estratégia para levar a cabo a luta de solidariedade contra o processo de ocupação e o imperialismo.

Os marxistas de todo o mundo podem servir à luta dos palestinos não apenas participando de atividades que são diretamente solidárias com o povo palestino, mas também fortalecendo os movimentos anti-imperialistas e

anticapitalistas em nossos próprios países. A campanha e a luta por uma Palestina Livre devem se tornar uma parte importante das lutas pelos refugiados indígenas e direitos das mulheres, bem como as lutas contra o racismo, pelos direitos civis e direitos humanos e pelos direitos dos trabalhadores. Isto significa tornar a luta palestina uma parte real dessas campanhas, e não apenas uma reflexão tardia (Arlegue, 2014, pg 18)

De maneira análoga, pode-se citar o capitalismo americano e sua tendência conservadora em apoiar Israel como parte deste fator político-ideológico. É claro no método de pesquisa científica que a pesquisa pode sofrer as interferências da cosmovisão do momento e do ambiente onde é produzida.

Ao responder o porquê, apesar de evidências do Êxodo tanto em terras Egípcias quanto em Israel, ainda imperar obstáculos epistemológicos no que tange a confirmação deste fato, Hoffmeier (2015) foi claro e objetivo ao verificar o dano causado na “virada de 1920” pelas objeções de Gardner à pesquisa histórica Bíblica do Êxodo, trazendo preconceito e tradicionalismo quanto a pesquisa.

Deve-se nesta resposta ir além ao se deparar inclusive com questões político-ideológicas que sem dúvida tem influência quanto a esta questão e por fim geram respostas evasivas quanto ao tema apesar de evidências tão conclusivas. Quando se entende a problemática dos obstáculos epistemológicos quanto ao tema do Êxodo, tira-se dos “olhos da ciência”, se assim pode-se falar, o véu que cobre evidências e passa-se a ver de maneira isenta os fatos claros e tangíveis que tornam o Êxodo incontestável.

É possível sim, por método de harmonização histórico-cronológico, confirmar a história bíblica do Êxodo no contexto da história Egípcia antiga. Já em 1830, Dr. Willian Hames², em seu livro “Nova Analise da Cronologia e Geografia”, fazia excelente debate sobre o processo científico de harmonização entre o que ele chamou de “história sacra e profana”. Hames (1830)³ declara que a técnica cronológica é uma arte que computa as mais diversas medidas de tempo, naturais ou instituídas, usadas pela história para o registro de fatos, calendários ou

² Hames, 1830, Prefácio

³ Hames, 1830, pg 3

crônicas, sendo que estas medidas de tempo são fundamentadas pela astronomia e pelo próprio curso da natureza, o que uma vez admitidas como provas, geram derivadas de leis, sistemas, doutrinas e probabilidades. A cronologia histórica é a arte de computar, ajustar e verificar os espaços de datas fornecidas pela história de acordo com certas épocas importantes e reduzir a um sistema consistente no qual a história Bíblica e a história geral possam ser harmonizadas e haver correspondência de uma com a outra. Hames já sintetizava em 1830 no campo da pesquisa histórica, o que hoje é bem conhecido, pois é possível com base em dados cronológicos e históricos harmonizar duas narrativas históricas. Ki-Zerbo (2010)⁴, ao falar sobre a possibilidade de se converter uma cronologia relativa de gerações em cronologia absoluta, no que tange a procedimentos para determinar duração média de um reinado, declara que é possível coordenar diferentes sequencias vizinhas, separadas e relacionadas pelo estudo dos sincronismos dos eventos e harmonizar as duas

⁴ Ki-Zerbo, 2010, pg 159,160.

cronologias em questão e combiná-las em uma. Ele afirma que se pode mostrar que A e B viveram na mesma época, ou que A e C viveram na mesma época, porque ambos conheceram B e que, portanto, $A=B=C$. A lógica do método de harmonização histórico-cronológico é simples e eficaz. Tem-se evidências na narrativa da História “A” e tem-se evidências na narrativa da História “B”, portanto, se existe harmonia da narrativa de “A” em “B”, conclui-se que a narrativa histórica de “A”, é verdadeira em relação a narrativa histórica de “B”, e vice-versa. De maneira análoga, a história Bíblica do Êxodo, possui evidências e narrativas históricas que podem ser analisadas quanto de sua harmonização com a história do Egito antigo. Para isto não se faz necessário construir provas a partir de micro eventos, mas de macro eventos, de eventos importantes conforme Hames (1830) bem delineou. Detalhes como nomes, peças arqueológicas, são fantásticos do ponto de vista da experiência e da publicidade, mas não para comporem uma prova final e eficiente quanto a narrativa final. São os macros eventos, os eventos importantes e marcantes na composição final de um método eficiente e

eficaz. Na busca da harmonização histórico-cronológico da história do Êxodo Bíblico com a história do Egito antigo, podemos delinear cinco macros eventos a serem verificados na pesquisa metodológica: - A chegada de Jacó e sua família no Egito; - O estabelecimento da família de Jacó no Egito; - O início da opressão; - Eventos até Moisés e finalmente; - O retorno de Moisés ao Egito e a saída dos Israelitas. A pergunta que se deve fazer à ciência histórica e arqueológica é se estes eventos da história Bíblica do Êxodo encontram respaldo na história do Egito antigo, pelo que, se existe harmonização histórica-cronológica, é implícito e incontestável a narrativa Bíblica do Êxodo. Este livro, a partir deste capítulo, busca de forma metodológica, com base em ampla pesquisa bibliográfica histórica, junto a renomados acadêmicos da arqueologia e história antiga, tirar o véu de sobre o Êxodo Bíblico e apresentar o mesmo como incontestável história.

A CHEGADA DE JACÓ E SUA FAMÍLIA NO EGITO 1876 a.C.

“Estes, pois, são os nomes dos filhos de Israel, que entraram no Egito com Jacó; cada um entrou com sua casa: Ruben, Simeão, Levi e Judá; Issacar, Zebulom e Benjamim; Dã, Naftali, Gade e Aser. Todas as almas, pois, que descenderam de Jacó foram setenta almas; José, porém, estava no Egito. ” (Êxodo, 1.1-5)

Esta é a saga da família de Jacó em sua jornada da terra de Canaã para o Egito narrada na Bíblia Sagrada. A terra de Canaã estava sendo assolada por terrível seca que poria em risco a sobrevivência da família de Jacó, havendo ainda o fato de Canaã ser uma terra habitada por povos altamente pagãos e envolvidos em conflitos e guerras intermináveis. Toda esta problemática poderia ser nefasta para o futuro da nova nação. José estava no Egito e por mão de Deus, após anos de sofrimento e prova, havia se tornado Vizir e Primeiro Ministro de Faraó, o que, por esta ocasião, após encontros com seus irmãos e a revelação de sua identidade, pede para seu pai vir com toda a família morar no Egito e assim Jacó sob a direção de Deus, parte de Canaã para a

terra dos Faraós. Todo este fato ocorreu em aproximadamente 1.876 a.C., entre o final do reinado de Amenemhat II e início do reinado de Senusret II (1877-1870 a.C.), durante a 12ª Dinastia no Reino Médio Egípcio.



Figura 1. File:Beni Hassan (Lepsius, BH 3). Disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Beni_Hassan_\(Lepsius,_BH_3\)_03.jp..](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Beni_Hassan_(Lepsius,_BH_3)_03.jp..) Acesso em 07/03/2018.

“E tomaram o seu gado e a sua fazenda que tinham adquirido na terra de Canaã e vieram ao Egito, Jacó e toda a sua semente com ele. Os seus filhos, e os filhos de seus filhos com ele, as suas filhas, e as filhas de seus filhos, e toda a sua semente levou consigo ao Egito. ” (Gên. 46,6,7)

Gênesis 46.6-27 aponta que Jacó levou consigo para o Egito seus filhos, seus netos, suas filhas e suas netas, isto é, todos seus descendentes. Ao final do texto é contado setenta almas, compreendendo 12 filhos, 50 netos, 4

bisnetos, José e seus dois filhos no Egito e o próprio Jacó. Deve-se observar que as noras, apesar de pertencer ao clã, não foram contadas em virtude do costume antigo de se contar os descendentes diretos. A família de Jacó foi morar no melhor da terra do Egito, em uma região chamada de Gósen.

“E José fez habitar a seu pai e seus irmãos e deu-lhes possessão na terra do Egito, no melhor da terra, na terra de Ramsés, como Faraó ordenara.” (Gên. 47.11)

“Assim, habitou Israel na terra do Egito, na terra de Gósen, e nela tomaram possessão, e frutificaram, e multiplicaram-se muito.” (Gên. 47.27)

Ian Shaw é egiptólogo britânico e catedrático de arqueologia egípcia. Seus trabalhos como arqueólogo se concentraram principalmente em Amarna (antiga Avaris). É escritor de vários livros, dentre eles “The Oxford History of Ancient Egypt” e nele, declara que existem numerosas referências arqueológicas da chegada de diversos povos asiáticos em período anterior ao segundo período

intermediário, já na 12ª dinastia entre os anos de 1985-1773 a.C.

As referências aos asiáticos são numerosas no Médio Reino: eles trabalhavam em uma variedade de ocupações, às vezes adotando nomes egípcios, mantendo a designação "asiática"(Aamu). Esses imigrantes foram considerados migrantes econômicos (...) (Shaw, 2003, P. 157)

Shaw (2003)⁵ cita o empreendedorismo de Amenemhat III, filho único de Senusret (1831 - 1786 a.C.) , que se aproveitando de um longo período de paz em seu reinado, fortaleceu a fronteira de Semma, ampliou fortalezas, construiu numerosos santuários e templos e uma enorme estrutura em Biahmu. Numerosas inscrições registram atividade de mineração na região do Sinai onde oficiais do rei trabalhavam na extração de turquesa e cobre. Esta prospera fonte de trabalho e renda subsidiada pela extensiva construção de edifícios atraiu a chegada de

⁵ Shaw, 2003, P. 156,157

grandes contingentes de povos asiáticos (Aamu, Setjetiu, Mentijiu ou Tetjenu), o que pode ter sido um fator de encorajamento da chegada dos Hicsos e sua posterior ascensão como senhores do baixo Egito.

Ironicamente, a grande entrada de asiáticos, o que parece ter ocorrido em parte para subsidiar o extenso trabalho de construção pode ter encorajado os chamados Hicsos, a se instalarem no Delta (...) (Shaw, 2003, P. 157)

Shaw (2003)⁶ revela que Aamu foi um termo contemporâneo (do Segundo Período Intermediário) para distinguir os Egípcios dos asiáticos que habitavam em Avaris, porém este termo já era usado muito antes deste período. Os egípcios chamaram estes povos asiáticos de Aamu, o que denotava, em um senso geral vários povos habitantes da Síria e da palestina e que os atuais egiptólogos os denominam de “povos asiáticos”. O termo “Hicsos” chegou no Egito derivado do grego e se “generalizou” como “epithet hekau khasut” ou “governantes de países estrangeiros”, sendo aplicado

⁶ Shaw, 2003, P. 174

apenas aos governantes asiáticos. Ao citar a história Bíblica dos irmãos de José vendendo-o como escravo (Gen. 37. 28-36) Shaw a entende como uma fonte que sugere outra maneira pelo qual alguns destes imigrantes chegaram neste período.

Parece ter havido um grande número de asiáticos no Egito até essa data; alguns deles foram presos anteriormente, mas o relato bíblico dos irmãos de José vendendo ele como escravo de um egípcio mestre (Gênesis 37: 28-36) pode sugerir outra maneira em que alguns desses imigrantes chegaram. (Shaw, 2003, P. 175).

Shaw (2003)⁷ deixa claro que estes imigrantes asiáticos as vezes adotavam nomes egípcios, porém mantendo a designação “asiática”⁸. Grimal (2005)^{9,10}, egiptólogo francês, também confirma que antes mesmo da ascensão plena dos Hicsos ao poder, houve uma infiltração gradual de imigrantes asiáticos distintos, como os: **Aamu, Setjetiu**

⁷ Shaw, 2003, P. 175

⁸ Esses imigrantes “asiáticos” mantinham muitas vezes seu nome de origem, como identificado por Posener no Papiro do Brooklin

⁹ Nicolas Grimal (Libourne, 13 de novembro de 1948) é um egiptólogo francês. (Grimal. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicolas_Grimal. Acesso em: 07/03/18).

¹⁰ Grimal, 2005, P. 186

e os Mentijiu ou Tetjenu. O papiro do Brooklin é um documento extraordinário que corrobora a presença de povos asiáticos de diferentes etnias durante a 12^a e 13^a Dinastia Egípcia. Posener (1957) informa que o material fora adquirido por um egiptólogo amador, Charles Edwin Wilbour em suas viagens ao Egito. Em 1986 após sua morte, sua família doou o material ao “Brooklin Museum”¹¹. O rolo é provavelmente proveniente de Tebas, de um lado tem inscrições que o datam do reinado de Amenemhat III (1831-1786 a.C.) da 12^a Dinastia e do outro lado, inscrições que o datam de um período mais recente, da 13^a Dinastia. O papiro apresenta em parte do texto uma lista nominativa de 95 pessoas, organizando cada indivíduo por seu título, nome e se aplicável apelido e ocupação. Destes, 29 são egípcios, e 48 asiáticos, sendo que há um indicativo de serem escravos, não como pessoas sem nenhum direito, pois muitos são registrados por suas ocupações, mas como imigrantes que se submeteram a determinada situação servil em troca de uma recompensa

¹¹ Posener 1957, P. 145

econômica. Posener (1957, pg 161) acerca deste fato declara que: “Se a origem desses escravos precisa ser melhor determinada, permanece o próprio fato de sua presença”. W.F Albrigh¹² ao examinar o material, percebeu sinais na escrita, característicos de povos semíticos no norte. O nome de número 11¹³ por exemplo, feminino “Mnkml”, corresponde ao hebraico Menahhen, no número 27¹⁴, masculino, “Tsb¹⁴tw” é comparado por Albrigh à palavra “herbage”, hebraico “oseb”, no número 37, (fem.), “lbi”, bem como no número 87 (fem.) “lib¹⁴tw”, derivam da raiz “ikb”, popularizado pelo nome Bíblico Jacob. Outros diversos nomes e expressões demonstram claramente este modelo. Albrigh deixou claro que o estudo do papiro não permitia especificar qual o grupo de asiáticos (Aamu, Setjetiu, Mentijiu/Tetjenu ou Hicsos), que está ali representado, mas estava satisfeito da comprovação que se

¹² William Foxwell Albright (24 de Maio de 1891 a 20 de Setembro de 1971) foi um destacado orientador americano, pioneiro da arqueologia, linguista e especialista em cerâmica. (W. F. Albright. Wikipédia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/William_Foxwell_Albright. Acesso em: 06/03/18).

¹³ Posener 1957, P. 149

¹⁴ Posener 1957, P. 150

tratava de um grupo semítico do Noroeste. Certamente Albrigh, apesar de não especificar “qual o grupo de asiáticos”, ao pontuar estes hebraísmos nos nomes, deu a ciência o indicativo que entre os listados no papiro do Brooklin, haviam também pessoas de um grupo particular de imigrantes asiáticos ligados a uma etnia com esta característica linguística.

Outro ponto claro no papiro é que muitos dos estrangeiros foram trazidos para atividades em um campo de trabalho asiático e existe inclusive testemunhos que mostram uma certa promoção destes estrangeiros em suas diversas atividades e até uma miscigenação étnica, Posener (1957, p.155) afirma que “As mulheres entram nas famílias egípcias pelo casamento (...)”. Seguindo esta linha de pensamento, Posener observa que o papiro do Brooklin possui o mais completo silêncio em assunto do comércio internacional de escravos (não que não houvesse) e cita o caso de José vendido pelos Midianitas a Potifar, como um caso especial.

Mas os textos observam o mais completo silêncio em assunto do comércio internacional de escravos, e somos

reduzidos, como é o caso W. C. Hayes (p. 99), para citar como exemplo José vendido pelos Midianitas a Potifar (Posener, 1957, P. 158).

Com esta citação, Posener não faz qualquer alusão que algum dos nomes citados no documento esteja relacionado ao José Bíblico, mas coloca a história Bíblica de José no mesmo momento histórico do documento e demonstra que este período apresenta mudanças sociais como a crescente imigração de asiáticos e a miscigenação étnica, permitindo até mesmo a José, vendido a Potifar, tornar-se um serviçal com certos privilégios, alcançando apesar das vicissitudes, promoção e mais tarde o cargo de Vizir (Primeiro Ministro) do Egito dado pelo próprio Faraó. Uhlemann (1856), egiptólogo alemão confirma este fato.

(...) os escravos da casa se tornaram membros considerados pela família, e mesmo como comprados, crianças nascidas de escravos eram consideradas como iguais. Os escravos do Estado (...), especialmente prisioneiros de guerra e criminosos, eram empregados em

edifícios públicos e nas minas. Que houve escravos comprados no Egito há provas finalmente, comunicados por Diodoro (I, 70) (...). Até agora, como vemos, a narrativa Mosaica é perfeita com esta época seja nos costumes, forma análoga da vida egípcia e seu caráter de alta ordem. (Uhlemann, 1856, p. 21)

O papiro do Brooklin, como afirma Shaw (2003), faz parte das numerosas evidências de asiáticos chegando no Egito entre a 12^a e 13^a dinastia do Reino Médio, e desperta, para as evidências de estrangeiros com nomes “hebraicos”¹⁵, confirmando a imigração também destes para o Egito, inclusive Jacó e sua família.

Beni Hassan, é um sítio arqueológico do Médio Império, que foi encontrado na margem oriental do Nilo, cerca de 160 km do Cairo, e que fornece importantes evidências da presença de “asiáticos” no Egito. Este site possui 39 tumbas, onde se destaca para o entendimento da migração de asiáticos, a tumba de Khnumhotep II a qual

¹⁵ Apesar do hebraico como língua semítica ser oficialmente considerada como língua nacional do povo hebreu no período Mosaico, sua história formativa é muito mais antiga, recebendo influência de línguas ancestrais como o aramaico e o ugarítico.

apresenta eventos ligados a este período dos Aamu. Janice Kamrin, Ph.D. em Arqueologia Egípcia, escrevendo para o *Jornal de Antiguidades do Centro de Investigação Americano no Egito*, faz notável descrição da mesma.

A tumba de Khnumhotep II¹⁶ é uma das trinta e nove tumbas escavadas em rocha do período do reino médio nas encostas em Beni Hassan. 13 das tumbas onde há capelas tumulares decoradas. As inscrições em suas paredes, que em vários casos incluem extensivas biografias, identificando dez dos seus proprietários como os mais altos oficiais. O túmulo BH³ foi concluído durante o reinado de Senusret II, e é o último da série (...) Khnumhotep II não era um governador, mas um administrador do lado oriental. Alguns estudiosos consideram que ele teria sido encarregado da parte marginal do deserto, no lado leste do vale do Nilo, esticando-se o caminho até o Mar Vermelho. (...) A tumba de Khnumhotep II é uma obra prima artística e arquitetônica. A capela superior, possui uma fachada com

¹⁶ Foi um grande chefe Egípcio do nomo Oryx (o 16º nome do Alto Egito) durante o reinado dos faraós Amenemhat II e Senusret II da 12ª Dinastia , Reino Médio. Wikipédia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Khnumhotep_II. Acesso em: 22/05/18).

pátio, o qual possui um pórtico de entrada adornado com duas colunas multifacetadas. A principal câmara da capela é uma grande sala quadrada em que quatro colunas de pedra apoiam um triplo teto abobadado. Para o leste existe um nicho de culto, que uma vez, continha uma estátua esculpida em pedra. As paredes da capela foram rebocadas e em seguida, pintadas com cenas e textos muito bem executados, criando o efeito de uma rica tapeçaria (...). No lado oeste, ou na parede de entrada, há uma variedade de cenas (...) A parede norte é dominada por duas figuras de grande escala do dono do túmulo (...) abaixo e à direita (leste), ele se levanta e recebe procissões dos oficiais, peticionários, e escribas, **bem como o grupo de estrangeiros que forma o foco deste artigo. A procissão de estrangeiros ocupa o terceiro registo da parede do Norte (...)** A cena é única no repertório da arte funerária egípcia. Sua natureza incomum, e a aparente precisão de seus detalhes, torna muito provável que seja uma representação, ou pelo menos uma alusão, a um evento especial. (KAMRIN, 2009, p. 1,2).

Esta descoberta trouxe particular interesse para a arqueologia mundial em virtude das pinturas representando “pessoas asiáticas” ou a “cena dos Aamu de

Shu”, apontar para a possibilidade de se referir a chegada de Jacó e sua família ao Egito.

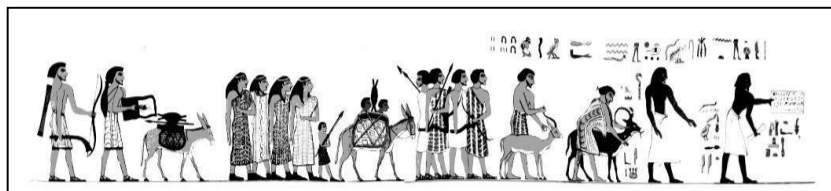


Figura 2: Renderização de tons de cinza da cena do Aamu. (Kamrin, 2009, pg. 2)

As pinturas foram publicadas pela primeira vez em 1845 pelo cientista Frances François Champollion. Um exame das figuras dos “asiáticos” mostra claramente pessoas com pele e olhos mais claros, penteado diferente, vestes muito coloridas o que é contrário a vestimenta que os egípcios usavam (predominantemente o branco), demonstrando claramente tratarem-se de imigrantes asiáticos. Kamrin (2009, p. 24) descreve uma inscrição e um documento real em especial: “A cena é captada por uma linha horizontal de hieróglifos que se iniciam acima da cabeça do primeiro oficial egípcio e corre para o ponto sobre o segundo estrangeiro da procissão (figura 2)”.

**ESTA É UMA VERSÃO REDUZIDA. A
VERSÃO COMPLETA POSSUI 176 PÁGINAS.**

CONCLUSÃO

Até o presente capítulo é permitido sem dúvida e de maneira bastante equilibrada, com metodologia científica de pesquisa e com base em dados cronológicos dos mais aceitáveis, afirmar que a história Bíblica do Êxodo é muito harmoniosa com a história Egípcia, e inexpugnável as evidências de sua realidade histórica, seja pelas evidências internas ou externas, incontestável como realidade e parte da história universal. No que tange a história Bíblica do Êxodo, verifica-se muitos pontos congruentes entre a história e a arqueologia já bem definidos e tido como certo e incontestável e pontos que ainda são passivos de conhecimento e provas. Os pontos ainda duvidosos não significam na ciência uma negativa em relação ao fato, mas o contínuo estudo do fato em si, permite paulatinamente dentro de uma ciência que avança em pesquisa e conhecimento torna-lo claro. Neste contexto, o Êxodo em si é um fato, incontestável, mas deve o pesquisador entender que nem todos os fatos poderão ser talvez compreendidos e outros fatos serão talvez assuntos da fé

e da teologia. A história Bíblica do retorno de Moisés ao Egito e a saída dos Hebreus é marcada por diversos eventos que do ponto de vista arqueológico tem sido motivo de diversos estudos e debates entre acadêmicos. A harmonização e contextualização histórica dos fatos em si é um poderoso argumento científico na confirmação histórica do Êxodo. Da chegada de Jacó e sua família no Egito, até o nascimento de Moisés, seu exílio e retorno ao Egito como grande libertador do povo Hebreu, até a comprovação histórica da existência de uma nação com o nome de Israel na Palestina, a história Bíblica do Êxodo se harmoniza plenamente com a história do Egito, não somente na sua cronologia, mas por volumosas evidências arqueológicas, o que sem dúvida permite-se dizer Êxodo, incontestável história.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. Salomão Edifica o Templo. Bíblia de Estudo Pentecostal. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1995. 2030p

ADMONITIONS; ZONNEHYMNE. Museu Leiden. Disponível em: <http://www.rmo.nl/collectie/zoeken?object=AMS+27+vel+1>. Acesso em: 05/04/2018.

ARNOLD, BILL T. e HESS, RICHARD S. Ancient Israel's History: an introduction to issues and sources. () Edição. Usa: Published by Baker Academic a division of Baker Publishing Group, 2014. 91 p.

As pragas do Egito, a Torá e o Papiro Ipuwer. Disponível em <http://www.free-online-bible-study.org/ipuwer-papyrus.html>. Acesso em: 02/04/16.

ARLEGUE, CELITO. Documento de Seminário para a Teoria Marxista - Perspectivas Teóricas e Questões em Estudos Internacionais. Portal Academia Edu, 2014. Disponível em:

https://www.academia.edu/9020274/Marxist_view_on_Palestinian_and_Israeli_Conflict. Acesso em 15/07/18.

BATEY, ERNEST KING III. Dinâmica Populacional no period Predinastico do Alto Egito: Paleodemografia do Cemitério HK43 no Hierakonpolis", Teses e Dissertações. Arkansas, EUA: administrador autorizado da ScholarWorks @ UARK, 2012. 180 p.

BIETAKI, MANFRED. Avaris the capital of the hycsos, recente excavations at Tell el-Daba. () Edição. 46 Bloomsbury Street, London: Published by British Museum Press, 1996. 132p.

BLAKE, WILLIAM O. The History of Slavery and the Slave Trade, Ancient and Modern. () Edição. EUA: Library_of_Congress; Americana, 1861, 866 p.

BLESS, JONATHON D. The Israelites in egypt: An archaeological outlook on the biblical exodus tradition. 2011. 31 pg. Trabalho acadêmico em cumprimento parcial dos requisitos para o grau de Bacharel em Artes - Submetido ao Programa de Estudos Arqueológicos do Departamento de Sociologia e Arqueologia. Universidade de Wisconsin La Crosse, 2011. Disponível em: <https://minds.wisconsin.edu/handle/1793/64548>. Acesso em: 06/04/2018.

BREASTED, JAMES HENRY. Ancient Records of Egypt - Volume I, The First to the Seventeenth dynasties. () Edição. Chicago, EUA: The University of Chicago Press, 1906. 344 p.

BREASTED, JAMES HENRY. Ancient Records of Egypt, Historical Documents. Volume II. The Eighteenth Dynasty. () Edição. Chicago, USA: The University of Chicago Press, 1906. 428 p.

BUDGE, ERNEST ALFRED THOMPSON. A History of Egypt, Vol XI. () Edição. Londres, Inglaterra: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltda, 1902. 220p.

CARDOSO, CIRO FLAMARION S. O Egito Antigo. () Edição. São Paulo, Brasil: Editora Brasiliense, 1982. 41p.

CERQUEIRA, WAGNER DE. O Crescimento Populacional no Mundo. (Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/o-crescimento-populacional-no-mundo.htm> . Acesso em 08/03/18).

CHANSON, HUBERT. A Hidráulica do Fluxo de Canal Aberto: Uma Introdução, 2008. (Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080113220455/http://www.bh.com/companions/0340740671/exercises/prob2.htm>. Acesso em: 13/03/18)

CHRIST, GRACE H.; BONANNO, GEORGE; MALKINSON; RUTH E RUBIN, SIMON. Apêndice e experiências de luto depois da morte de uma criança. Centro Nacional de Informações sobre Biotecnologia, Biblioteca Nacional de Medicina dos EUA. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK220798/>. Acesso em: 02/04/18.

CLARKE, PATRICK. The Stele of Merneptah – assessment of the final ‘Israel’ strophe and its implications for chronology. *Jornal Academia Edu.* 27/01/2013. Disponível em:

https://www.academia.edu/8682877/The_Stele_of_Merneptah_assessment_of_the_final_Israel_strophe_and_its_implications_for_chronology. Acesso em: 06/04/18

DAVID, ROSALINE. *Handbook to Life in Ancient Egypt*. () Edição. New York, NY: Facts On File, Inc, 2003. 417 p.

DODSON, AIDAN e HIRST, DYAN. *The Complete Royal Families of Ancient Egypt*. 1ª Edição. United Kingdom: Thames & Hudson Ltda., 2004. 304 P.

DUSILEK, DARCI. *A Arte da Investigação Criadora. Introdução a Metodologia da Pesquisa*. 9ª Edição. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: JUPER, 1989. 271p.

EASTON, MATTHEW GEORGE. *The Bible Dictionary*. 3ª Edição. Publicação de Thomas Nelson, 1897. 1125p.

EHRENKRANZ, NATHANIEL JOEL e SAMPSON, DEBORAH A.. *Origem das Pragas do Antigo Testamento: Explicações e Implicações*. *Yale Journal of Biology and Medicine*. Publicado online em Julho/2008. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2442724/>. Acesso em 05/04/18.

GARDINER , ALAN H.. The Admonitions of an Egyptian Sage from a Hieratic Papyrus in Leiden (Pap. Leiden 344 recto). () Edição. Alemanha: Herstellung: fotokop wiihelm weihert, Darmstadt Best.-Nr. 5102 129, 1969. 176pg.

GRAY, RICHARD. Pragas Bíblicas realmente aconteceram dizem cientistas. The Telegraph. Publicado em 27/03/2010. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/science/science-news/7530678/Biblical-plagues-really-happened-say-scientists.html>. Acesso em 05/04/18.

GRIFFITH , FRANCIS LLEWELLYN. Archaeological survey of egypt, Beni Hasan – Part III. () Edição. USA, Boston: The Offices Of The Egypt Exploration Fund., 1896. 76 p.. (disponível em: <http://dlib.nyu.edu/awdl/sites/dl-pa.home.nyu.edu/awdl/files/benihasan07egyp/benihasan07egyp.pdf>. Acesso em: 06/03/18).

GRIMAL, NICOLAS. A History of Ancient Egypt. 1ª Edição. USA: Blackwell Publishing, 2005. 521 p.

HALES, WILLIAM. New Analysis of Chronology and Geography History and Prophecy. 1ª Edição. London: Printed for C. J. G & F. RivingtonDavid C. Cook, 1830. 469p.

HOFFMEIER , JAMES K. Egyptologists and the Israelite Exodus from Egypt – T.E. Levy et al. (eds.), Israel's Exodus in Transdisciplinary Perspective, Quantitative Methods in the Humanities and Social Sciences, DOI 10.1007/978-3-

319-04768-3_15. () Edição. USA: Springer International Publishing Switzerland, 2015. Pg 197-208. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-3-319-04768-3_15. Acesso em 06/04/18.

HOLLADAY JR. JOHN S. Tell El-Maskhuta: Preliminary Report on the Wadi Tumilat Project, 1978-1979. The American Research Center in Egypt. x + 160 pages + 3 foldouts + 46 b-w plates. 29 cm ARCE reports series 6 (Cities of the Delta, part 3). Paper ISBN 089 003 084 7. (Disponível em: <http://archive.arce.org/publications/books/u6>. Acesso em: 12/03/2018).

JOSEFO, FLÁVIO. História dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalem. 8ª edição. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Casa Publicadora das assembleias de Deus, 2004. 1628 p.

KAMRIN, JANICE. The Aamu of Shu in the Tomb of Khumhotep at Beni Hassan. Journal of Ancient Egyptian Interconnections. Vol. 1:3, 2009. P. 22-36. (disponível em: <https://journals.uair.arizona.edu/index.php/jaei/article/view/28>. Acesso em: 06/03/18).

LOON, A.J. VAN. Law and Order in Ancient Egypt. The Development of Criminal Justice from the Pharaonic New Kingdom until the Roman Dominate. Tese de Mestrado, Leiden University, 2014. (Disponível em: <https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887>

/30196/Law%20and%20Order%20in%20Ancient%20Egypt.pdf?sequence=1. Acesso em: 03/04/2018)

MARK, JOSHUA J. Ancient History Encyclopedia. Publicado em 28/09/2016. (Disponível em: <https://www.ancient.eu/Moses/>. Acesso em 22/03/18).

NAVILLE, EDOUARD. The Store City of Piton and The Route of the Exodus. () Edição. London: Messrs. Trubner & Co, 57&59, Ludgate Hill, E.C., 1885. 82p.

NEWBERRY, PERCY E.. Archaeological Survey of Egypt, Beni Hasan – Part I. () Edição. F. L. Griffith, B.A, F.S.A. - Of the Egypt Exploration Fund, 1893. 160 p. (Disponível em: <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/newberry1893ga>. Acesso em: 06/03/18).

PETRIE, W. M. FLINDERS. Hyksos and Israelite Cities. () Edição. Londres, Inglaterra: Office of School of Archaeology University College, Gower Street, WC, 1906. 154p.

POSENER, GEORGES. Les Asiatiques en Egypte Sous Les XIIe et XIIIe Dynasties. In: Syria. Tome 34 fascicule 1-2, 1957. pp. 145-163; doi : 10.3406/syria.1957.5191. (disponível em: http://www.persee.fr/doc/syria_0039-7946_1957_num_34_1_5191. Acesso em: 06/03/18).

PRITCHARD, JAMES B. Ancient Near Eastern Texts. “Relating to the Old Testament”. 3ª Edição com

suplemento. New Jersey, EUA: Princeton University Press, 1969. 743 p.

SCHAEFER, BRADLEY E. The Heliacal rise of Sirius and Ancient Egyptian Cronology. () Edição. USA, Harvard: Journal for the History of Astronomy, Vol. 31, Part. 2, SAO/NASA Astrophysics Data System (ADS), Codigo Bibliografico: 2000JHA....31..149S, 05/2000. P. 149-155. (Disponível em: <http://adsabs.harvard.edu/full/2000JHA....31..149S> . Acesso em: 25/03/2018)

SHAW, IAN. The Oxford History of Ancient Egypt. 1ª Edição. United States, New York: Oxford University Press Inc., 2003. 525 p.

STRONG, JAMES. Dicionário Bíblico Strong - Lexico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. () Edição. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. 1874 p.

TARSIA, RODRIGO DIAS. O Calendario Gregoriano. Revista Brasileira de Ensino de Física, vol. 17 nº 1, 1995. (Disponível em: <http://www.sbfisica.org.br/rbef/pdf/vol17a06.pdf>. Acesso em 22/03/18).

TETLEY, M. CHRISTINE. The Reconstructed Chronology of the Egyptian Kings. The ebers calendar is probably the most valuable Chronological tool from egypt that we are

ever likely to possess. 1ª Edição. New Zeland: Barry W. Tetley Publisher, 2014. 600pg.

THOMPSON, JOHN A. A Bíblia e a Arqueologia – Quando a Ciência Descobre a Fé. () Edição. São Paulo: Editora Vida Cristã, 2006. 422 p.

TREVISANATO, SIRO I. The plagues of Egypt: History, Archaeology and Science Look at the Bible. 1ª Edição. USA, New Jersey: Georgias Press LLC, 2005. 191 pg.

UHLEMANN, MAX. Israeliten Und Hyksos in Aegypten. () Edição. Leipzig: Verlag Von Otto Wigand, 1856. 95 p.

UNGER, MERRILL F. The New Unger's Bible Dictionary. 3ª Edição. Chicago: Moody Press, 1988. 1858p.

WISE, HOWARD. Operations Carried on at The Pyramids of Gized in 1837; With an Account of a Voyage into Upper Egypt, and an Apêndix. () Edição. London: 1840. 292 p.

WALVOORD, JOHN e ZUCK, ROY B. The Bible Knowledge Comentary: Old Testament. 1ª Edição. Colorado Springs, USA: David C. Cook, 1983. 1549p.

KI-ZERBO, JOSEPH. História Geral da Africa, I: Metodologia e pré-história da África. 2ª Edição. Brasília: UNESCO, 2010. 992p.

APÊNDICE

Médio Reino: 2055-1650 a.C.	
11ª Dinastia	2055-1985
Mentuhotep II (Nebhepetra)	2055-2004
Mentuhotep III (Sankhkara)	2004-1992
Mentuhotep IV (Nebtawyra)	1992-1985
12ª Dinastia	1985-1773
Amenemhat I (Sehetepibra)	1985-1956
Senusret I (Kheperkara)	1956-1911
Amenemhat II (Nubkaura)	1911-1877
Senusret II (Khakheperra)	1877-1870
Senusret III (Khakaura)	1870-1831
Amenemhat III (Nimaatra)	1831-1786
Amenemhat IV (Maakherura)	1786-1777
Queen Sobekneferu (Sobekkara)	1777-1773
13ª Dinastia	1773-1650
Wegaf (Khutawyra)	
Sobekhotep II (Sekhemra-khutawy)	
lykhernefert Neferhotep (Sankhtawy-sekhemra)	
Ameny-intef-amenemhat (Sankhibra)	
Hor (Awibra)	
Khendjer (Userkara)	
Sobekhotep III (Sekhemra-sewadjtawy)	
Neferhotep I (Khasekhemra)	
Sahathor	
Sobekhotep IV (Khaneferra)	
Sobekhotep V	
Ay (Merneferri)	
14ª Dinastia	1773-1650
Governantes menores, provavelmente contemporâneos com a 13ª ou 15ª Dinastia	

Figura 21 Cronologia Egito - Reino Médio:

Segundo Período Intermediário: 1650-1550 a.C.	
15ª Dinastia (Hicsos)	1650-1550
Salitis/Sekerher	
Khyan (Seuserenra)	1600
Apepi (Aauserra)	1555
Khamudi	
16ª Dinastia	
Primeiros governantes Tebanos contemporâneos com a 15ª Dinastia	
17ª Dinastia	1650-1580
Rahotep	
Sobekemsafi	
Intef VI (Sekhemra)	
IntefVII(Nubkheperra)	
Intef VHI(Sekhemraherhermaat)	
Sobekemsafi I	
Siamun (?)	
Taa (Senakhtenra/Sequenra)	1560
Kamose (Wadjkheperra)	1550-1069

Figura 22: Cronologia Egito – Segundo Período Intermediário

Novo Reino: 1550-1295	
18ª Dinastia	1550-1295
Ahmose (Nebpehtyra)	1550-1525
Amenhotep I (Djeserkara)	1525-1504
Thutmose I (Aakheperkara)	1504-1492
Thutmose II (Aakheperenra)	1492-1479
Thutmose III (Menkheperra)	1479-1425
Queen Hatshepsut (Maatkara)	1473-1458
Amenhotep II (Aakheperura)	1427-1400
Thutmose IV (Menkheperura)	1400-1390
Amenhotep III (Nebmaatra)	1390-1352
Amenhotep IV/Akhenaten (Neferkheperurawaenra)	1352-1336
Neferneferuaten (Smenkhkara)	1338-1336
Tutankhamun (Nebkheperura)	1336-1327
Ay (Kheperkheperura)	1327-1323
Horemheb (Djeserkheperura)	1323-1295

Figura 23: Cronologia Egito – Novo Reino

Periodo Ramessidico: 1295-1069	
19ª Dinastia	1295-1186
Rameses I (Menpehtyra)	1295-1294
Sety I (Menmaatra)	1294-1279
Rameses II (Usermaatra Setepenra)	1279-1213
Merenptah (Baenra)	1213-1203
Amenmessu (Menmira)	1203-1200?
Sety II (Userkheperura Setepenra)	1200-1194
Saptah (Akehrasetepenra)	1194-1188
Queen Tausret (Sitameritamun)	1188-1186

Figura 3: Cronologia Egito - Periodo Ramessidico

